



# Hora de subir a ladeira

*Após um ano de perda nos lucros, resseguro encara desafio de elevar os resultados*

---

MARIANA SANTIAGO

**N**estes cinco anos de abertura do mercado de resseguro nacional, 2013 marcou o setor pelo enfrentamento de algumas dificuldades. O lucro líquido das resseguradoras locais caiu de R\$ 504 milhões em 2012 para R\$ 270 milhões em 2013, uma queda de quase 50%. Não surpreende, pois, que o Índice de Confiança e Expectativa das Resseguradoras (ICER), divulgado pela Fenacor, tenha baixado para 63,7 em abril passado. Ainda segundo a pesquisa, para 60% dos executivos desse segmento, a rentabilidade do setor deverá piorar em 2014.

A presença de grande número de companhias resseguradoras atuando no Brasil, que teve como consequência natural um aumento expressivo da capacidade de resseguro, é apontada como uma das

causas desse panorama. “O que acontece hoje é que, com a abertura, a legislação correspondente, muito bem coordenada pela Susep, teve uma boa aceitação e trouxe para o Brasil um número maior de companhias do que se esperava. Hoje nós temos registradas no país em torno de 115 companhias habilitadas para operar em resseguro, e elas chegaram para disputar sua fatia num mercado recém-aberto. Então, já era de se esperar essa luta por *marketshare*. Com isso, os preços caíram e os termos e condições se tornaram bastante agressivos. Isso é bom para o mercado comprador de seguro e resseguro, com certeza, uma vez que o cliente final se beneficia com essas taxas pequenas, porém, o resultado dos resseguradores tem caído muito”, explica o presidente da Federação

Nacional das Empresas de Resseguros (Fenaber), Paulo Pereira.

A rentabilidade e o lucro das empresas, afetados pelo movimento de abertura, encontram razões também no mecanismo do cosseguro. Para o diretor de subscrição do IRB Brasil Resseguros S.A, José Farias de Sousa, no momento em que a legislação disciplinou as operações de cosseguro, aliando-se a isso a capacidade que as seguradoras possuem atualmente de efetuar contratos robustos, essas companhias passaram a dividir os grandes riscos, que ficavam a cargo do ressegurador de modo facultativo. “As seguradoras contam, hoje, com uma automaticidade muito grande, decorrente dos expressivos limites de seus contratos. Assim, realizam uma concorrência por preço, potencializada pelo mecanismo de cosseguro, que viabiliza inclusão em contratos de riscos, tradicionalmente ressegurados de forma facultativa, os quais eram geradores de grandes volumes de prêmio para os resseguradores, além de serem subscritos com condições de coberturas indicadas pelos resseguradores”, argumenta Farias.

Há ainda uma segunda questão nesse processo: a oportunidade de subscrição do risco de maneira mais adequada, assim como sua precificação e a consequente mitigação, fez com que seguros de alguns riscos facultativos tivessem sido perdidos. Na ocorrência de um sinistro, e por ocasião da distribuição desse risco, o cliente final precisa recorrer a mais de uma companhia para



## *O desafio a ser enfrentado pelo resseguro daqui para frente é conseguir elevar os resultados, encontrando uma maneira mais equilibrada de gerenciar o capital disponível e a receita.*

receber sua indenização. Por fim, a oportunidade de negócios também é inibida frente a mais esse fator de competitividade. É por isso que a perspectiva de grandes eventos no país, como a Copa do Mundo e as Olimpíadas, frustrou uma melhor expectativa de crescimento para o setor. “A significativa disponibilidade de capacidade do mercado fez com que os novos riscos referentes àqueles eventos fossem absorvidos pelas seguradoras e resseguradoras num ambiente extremamente competitivo de preços, inibindo um impacto significativo no volume total de prêmios”, completa o diretor do IRB.

O presidente da Fenaber, no entanto, afirma que, por esses eventos exigirem investimentos em infraestrutura, isso pode ajudar a área de resseguro. “Nestes cinco anos, o mercado cresceu bem em termos reais: saiu de aproximadamente R\$ 3,5 bilhões em 2008 para quase R\$ 8 bilhões em 2013. Ou seja, mais que dobrou. Houve um crescimento realmente expressivo. Nós esperamos que, embora a economia não esteja sinalizando positivamente, esse movimento

vá continuar nos próximos anos. O motivo de acreditarmos nisso é que as necessidades de investimento no país são muito grandes, principalmente em infraestrutura, que vai precisar de seguro e resseguro, com certeza. No setor de transportes, em todas as cidades, por exemplo, muitas intervenções foram feitas. Temos também o pré-sal, que exigirá uma aplicação vultosa de capital de várias empresas privadas do setor de petróleo. Tal fato deve gerar também prêmios de seguro e resseguro, mantendo o crescimento nos níveis que temos hoje. Se considerarmos os próximos três anos, podemos crescer de 15% a 20% ao ano. É no que nós acreditamos.”

Discurso unânime entre os representantes do setor, o desafio a ser enfrentado pelo resseguro daqui para frente é conseguir elevar os resultados, encontrando uma maneira mais equilibrada de gerenciar o capital disponível e a receita. “A grande questão é o retorno. Estamos despejando muito capital no mercado e não estamos tendo a contrapartida, encontrando a receita. Pontuo como principal desafio a ser en-

frentado pelos resseguradores a busca de condições de mercado que melhor remunerem os grandes capitais disponibilizados, diante da forte concorrência por preço, no mercado primário, potencializada pelo mecanismo de cosseguro”, salienta José Farias.

Para Paulo Pereira, a saída do mercado brasileiro de alguns players que não estão obtendo os ganhos esperados pode ajudar a alavancar os lucros: “A principal questão é realmente conseguir elevar os resultados. O mercado tem crescido, mas ele ainda é pequeno para a quantidade de resseguradores que se apresenta. Pode acontecer uma diminuição do número de empresas. Algumas que não estejam obtendo o resultado esperado ou emitindo tantos prêmios talvez começem a desistir. Não estou afirmando que vai acontecer, mas é uma possibilidade. Com isso tem início uma nova transformação no mercado. Definitivamente, os resseguradores não podem continuar registrando o tipo de resultado que obtiveram em 2013. O grande desafio será essa mudança para voltar a ter resultados no país”. ●